A ressignificação das protensões nos *Manuscritos de Bernau* de Edmund Husserl: o entrelaçamento das intencionalidades retencional e protensional no curso do protoprocesso

The resignification of protentions in Edmund Husserl's *Bernau Manuscripts*: the interweaving of retentional and protentional intentionalities in the course of the protoprocess

Isabela Carolina Carneiro de Oliveira[*]

isabela.carolinacarneiro@gmail.com
(Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil)

Resumo: O artigo apresenta inicialmente a primeira formulação conceitual sobre a protensão nas *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* de Edmund Husserl e posteriormente o triplo sentido das protensões em sua obra intermediária sobre a temporalidade fenomenológica, a saber, os *Manuscritos de Bernau*. Observa-se nos textos 1 e 2 do referido manuscrito que Husserl enfatiza a importância do vazio de intenção das protensões à medida que depõe sobre o entrelaçamento (*Verflechtung*) essencial entre as intencionalidades retencional e protensional no protoprocesso (*Urprozesses*). Nesse contexto, conforme veremos, o agora ou protopresentação (*Urpräsentation*) torna-se o ponto limite de dois tipos de atos "presentificados", as retenções e protensões.

Palavras-chave: Husserl; Protensão; Retenção; Entrelaçamento; Protoprocesso.

Abstract: The article initially presents the first conceptual formulation on protention in the *On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time* of Edmund Husserl's and later the triple meaning of protentions in his intermediate work on phenomenological temporality, the *Bernau Manuscripts*. It is observed in texts 1 and 2 of the aforementioned manuscript that Husserl emphasizes the importance of the empty of intention of the protentions as he testifies about the essential interweaving (*Verflechtung*) between the retentional and protentional intentionalities in the protoprocess (*Urprozesses*). In this context, as we will see, the now or *protopresentation* (*Urpräsentation*) becomes the limit point of two types of "presentified" acts, retentions and protentions.

Keywords: Husserl; Protention; Retention; Interweaving; Protoprocess.

DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v30i2p85-102

[*] O presente artigo conta com parte da minha pesquisa de dissertação de mestrado, apresentada em 2023, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais com o título: Fenomenologia e Consciência-tempo [Zeitbewusstsein]: a dupla intencionalidade e a unidade da consciência absoluta nas análises de Husserl. Repositório Institucional da UFMG. https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/67182

Introdução

A temporalidade é o elemento fundante de todo o projeto fenomenológico de Husserl. O autor apresenta nas *Lições* (*Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins 1893-1917*) os seus primeiros escritos sobre o tempo fenomenológico.[1] Nesse ponto, acrescenta-se que Husserl faz observações importantes nessa obra, a saber, a especificidade fenomenológica de cada fase do fluxo da consciência: protoimpressão, retenção e protensão. A partir disso, podemos dizer, pontualmente, que a fase atual da consciência tem lugar na percepção e inclui as fases da protoimpressão (consciência imediata perceptiva da fase atual na experiência), retenção (consciência do "ainda" e das fases que acabaram de passar) e protensão (consciência das fases que estão por vir ou expectativa de futuro). Para tanto, é valido destacar que cada uma dessas fases do fluxo da consciência é uma vivência (*Erlebnis*) intencional.

Temos nas *Lições* um texto que possibilita a compreensão da primeira concepção husserliana sobre a consciência interna do tempo, mas que também aponta para o ciclo posterior de investigações sobre o tempo fenomenológico encontradas nos *Manuscritos de Bernau* (*Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein 1917-1918*)[2] e nos *Manuscritos C* (*Späte Texte über Zeitkonstitution 1929-1934. Die C-Manuskripte*). O presente artigo se propõe a investigar dentre as fases do fluxo da consciência o modo como a protensão (*Protention*) foi ressignificada por Husserl nos *Manuscritos de Bernau*. Porquanto, direcionamos a atenção para a função da protensão dentro da retenção e da retenção dentro da protensão.

[1] O texto das *Lições* conta com escritos de diferentes anos. Observa-se que os textos que compõem os parágrafos da parte A das *Lições* foram redigidos nos anos: 1901 - §§ 22, 26 (quatro linhas no penúltimo parágrafo), 27 (2º e 3º parágrafos) e 28 (1º parágrafo); 1905 - §§ 1 ao 6 e 7 (1º e 2º parágrafos); § 11 (2º parágrafo), § 14 (1º parágrafo), §§ 16, 17 e 19, § 23 (primeira metade), §§ 30 e 31 (1º parágrafo), §§ 32 e 33 (duas primeiras linhas), §§ 33 e 41; 1907 - Apêndices X e XI; 1907 a 1909 - §§ 21, 23 (segunda metade), 25, 26, 27 (1º parágrafo), 28 (2º parágrafo), 29 e 34; 1908 a 1909 - § 11 (1º parágrafo); 1909 - §§ 12 e 13; 1909 a 1910 - Apêndice III; 1910 - §§ 42 até o 45; 1911 - §§ 8, 10, 20, 35 até o 39 e Apêndice III; 1911 a 1912 - Apêndice XII; 1916 - Apêndices I, IV e VII; 1917 - §§ 14 (2º parágrafo), 15, 18, 21 e 24; data desconhecida - § 40 e Apêndices II, V, VI, VIII e IX. A parte B, na designação de Rudolf Boehm, conta com textos inéditos, mas também com reproduções de textos da parte A. Os textos que compõem a parte B foram redigidos nos seguintes anos: textos de número 1 ao 18 - entre 1893 e 1901; textos de número 19 ao 34 - entre 1904/1905; textos de número 35 ao 38 - entre 1905 e 1907; textos de número 39 ao 50 - entre 1907 e 1909; textos de número 51 a 54 - aparentemente entre 1909 e 1911.

[2] De acordo com Bernet (2010, p. 4), apenas em 1969, Eugen Fink entregou aos Arquivos Husserl em Leuven os *Manuscritos de Bernau* originais de Husserl, que lhe foram confiados no final de 1928, quando foram arquivados na *Nachlass* como o "Grupo L". Atualmente, devido ao trabalho editorial e empenho de Rudolf Bernet e Dieter Lohmar esses manuscritos formam o volume XXXIII da edição Husserliana.

A partir do exposto, temos que a protensão deve ser concebida modalmente e de modo não ingênuo. Nesse sentido, nomeamos protensão aquilo que necessariamente deve ser compreendido como projeção sobre o futuro ou infinitude de possibilidades numa indicação temporal que é sempre de futuro, em outras palavras, ela é "o horizonte modal do tempo em geral, o horizonte do desconhecido" (Husserl, 2002, p. 436).

Ademais, quanto mais precisamente o objeto temporal já é conhecido, mais certas são as protensões. A protensão, desde as *Lições*, é um apontar em perspectiva quando se liga às retenções, ou seja, como um apontar para o futuro que ao realizar-se, preenche e reatualiza o presente. É curioso notarmos que nos poucos momentos em que Husserl lida com as protensões nas *Lições* (§§ 24, 40 e 43), ela é descrita em analogia à retenção: ambas são determinadas em relação à fase protoimpressional e depois entram em um horizonte "obscuro" e indeterminado. Assim tratada, desde as *Lições*, a protensão encontra o seu preenchimento numa percepção (Husserl, 1928/2017, p. 105). Desse modo, quando esse algo protensionado se torna presente, o próprio futuro se torna atual, com isto, o "presente" recém-sido que deixou de ser atual é necessariamente recuado para o "passado". Além disso, Moran e Cohen lembra-nos, "é uma lei eidética que cada momento-agora tem que se submeter a ser modificado em uma retenção. Da mesma forma, a protensão ainda não é o ato consciente de antecipação plenamente desenvolvido, mas um componente estrutural de qualquer *Erlebnis*" (Moran e Cohen, 2012, p. 325).

É necessário aqui maior determinidade e clareza. Embora Husserl tenha se dedicado a descrever adequadamente a protensão e a sua relação com a protoimpressão (*Urimpression*) e a retenção desde as *Lições*, ele refinou sua teoria sobre a protensão apenas em 1917/1918, durante a sua estadia em Bernau. Nesse cenário, é relevante situar brevemente que a "intenção de expectativa futura", nomeada como protensão permanece uma intenção vazia quando não se realiza, mantendo assim, um horizonte aberto que possui intenções vazias direcionadas para o futuro, mas ao mesmo tempo é também uma possibilidade instaurada numa dinâmica passiva da consciência de futuro e a sua potência transformadora.

Portanto, a protensão pode apontar para as mudanças de perspectiva por se caracterizar como aberta, pois ela é uma instância da nossa consciência ao infinito de múltiplas possibilidades. Por conseguinte, identificamos que nos *Manuscritos de Bernau*, Husserl através da dupla intenção da protensão, passa a considerá-la um vetor direcional para a consciência-tempo (*Zeitbewußtsein*), dotada de uma infinitude não preenchível que decorre a partir do pré-alinhamento ou prefiguração (*Vorzeichnung*) daquilo que já foi vivenciado, mas sem uma determinação total.

1. A ressignificação da protensão nos *Manuscritos de Bernau*: o triplo sentido das protensões

Podemos fazer uso de parte do que foi dito acima para destacarmos que as protensões são intenções vazias. Essa intenção vazia deve ser compreendida, por um lado, nos diferentes contextos de uma protopercepção (*Urwahrnehmung*) e, por outro lado, em relação com as retenções e recordações. No caso das retenções e recordações (*Erinnerungen*), as protensões não são um horizonte aberto e indeterminado, uma vez que se direcionam para a fase já cumprida de um acontecimento (Soueltzis, 2021, p. 67).

Na perspectiva que partilhamos com Held, na protensão a consciência contém sempre algumas "prefigurações" (*prefiguration*s) dos conteúdos que podem ser acessados através de futuras protoimpressões que, por sua vez, possuem um horizonte de expectativas antecipatórias. Isso ocorre devido ao passado retido, que torna possível a consciência ser "guiada em sua protensionalidade por prefigurações específicas para a continuação de sua vida intencional" (Held, 2010, p. 100). Assim, a vivência (*Erlebni*s) anterior não desaparece desse horizonte, mesmo que novos acontecimentos possam vir a ser altamente surpreendentes para a consciência, pois, "mesmo o totalmente inesperado só pode ser entendido como inesperado porque corresponde a alguma prefiguração e, portanto, está integrado no horizonte da expectativa" (Held, 2010, p. 100).

Em sua obra inicial sobre o tempo fenomenológico, as *Lições*, Husserl aponta a importância da síntese de preenchimento (*Erfüllungssynthe*se) e a relação desta com o vazio de intenção das protensões (Husserl, 1928/1966a, p. 52). A explicação de Husserl sobre a consciência do "agora" baseada na interação (interseção) entre a protensão e a retenção remete à análise husserliana sobre a intencionalidade, introduzida nas *Investigações Lógicas* (*Logische Untersuchungen*), uma vez que, tanto a intenção quanto a protensão tendem ao preenchimento (Held, 2010, p. 99). Nesse sentido, é válido destacar que tanto a protensão quanto a retenção são dadas intuitivamente no campo da presença. Entretanto, "só Ser-agora é Ser-efetivo" (*Jetzt-Sein ist allein Wirklich-Sein*) (Husserl, 2001, p. 41). Isso significa dizer, num primeiro momento da análise, que a retenção e a protensão estão "ancoradas" no "núcleo" ou "centro" do agora, entendido aqui como protoimpressão e, "é exatamente da perspectiva desse centro que o tempo autêntico aparece como um campo de presença, como um respectivo presente vivo" (Held, 2010, p. 96). Porém, algo deve ser acrescentado. Nessa perspectiva, o presente cria o centro para o campo de presença porque o "agora" impressional ainda funciona como um "limite" entre a retenção e a protensão. Mas, como

veremos adiante, Husserl ressignifica essa relação de "limite" nos textos 1 e 2 dos *Manuscritos de Bernau*.

A partir do exposto, podemos pensar a protensão em triplo sentido: (i) a consciência no "agora" pode se orientar para o futuro e possuir um índice de indeterminação, em vias de alteridade perceptiva, de um "ser-outro" ou "não-ser". A partir disso, um novo dado fenomenológico e o seu horizonte de acontecimentos fluentes está continuamente direcionado às protensões, numa cadeia continua que gradativamente se preenche ou não, assim as protensões mantém constantemente um horizonte aberto carente de preenchimento; (ii) mas, também podemos protensionar sem surpresas ou novidades, ou seja, quando se trata da confirmação e adequação de um e o mesmo objeto visado no modo de presença, dito de outra forma, quando um "objeto completamente inalterado persiste" (Husserl, 2001, p. 12); e (iii) temos que as intenções de expectativas que estão contidas em cada retenção e recordação, a partir do momento que são preenchidas, reconduzem ao presente. Idealmente falando, toda intenção de expectativa de uma recordação possui no seu preenchimento e realização essa condução ao presente e ao estado de presença daquilo que foi vivenciado. Neste caso, essas expectativas estão "pré-dirigidas" e não deixam o horizonte protensional em aberto no modo como descrevemos em (i). Dito de outra maneira, essas intenções de expectativas das rememorações (*Wiedererinnerungen*) possuem um horizonte dirigido ao futuro do recordado e este horizonte que se abre preenche-se com acontecimentos recordados "sempre novos". Por isso, o que antes era apenas horizonte vazio, segundo Husserl, se mostra como "quase-presencializados, quase no modo do presente atualizador" (Husserl, 1928/2017, p. 101).

Parece já existir aqui, nas *Lições*, indícios do fundamento primordial para a investigação de Husserl sobre a protensão, que foram melhor desenvolvidos nos *Manuscritos de Bernau*. Isso implica considerar que o presente perde, de certa maneira, a proeminência e pode ser pensado como uma instância resultante da interação (cruzamento) entre o passado (*Vergangenheit*) e o futuro (*Zukunft*), ou seja, como plenificação de uma protensão anterior fundada na experiência que foi retida (Kretschel, 2014a, p. 252). Pelas palavras de Held, em vez de derivar a protensão e a retenção do presente, Husserl deriva o presente da relação de interseção entre a protensão e a retenção (Held, 2010, pp. 98-99).

No entanto, é necessário aqui maior determinidade. Isso significa compreendermos que a protopresença (*Urpräsenz*), ou a fase atual da consciência (protoimpressão) nos termos das *Lições*, é uma expectativa preenchida (*erfüllt*).[3]

[3] Encontramos uma análise aprofundada da relação que se impõe entre as protoimpressões e as protensões no livro de Ferrer (2015).

Além disso, as protensões mantêm o horizonte do futuro aberto, o horizonte das possíveis expectativas atuais no qual a própria expectativa proporciona a "entrada" da atenção nesse horizonte protensional.[4] Assim, o agora vivido é um campo de presença em que "a consciência do presente se expande através da protensão e da retenção a uma extensão que depende do grau de atenção focalizada" (Held, 2010, p. 93). Portanto, é incorreto afirmar a partir dos *Manuscritos de Bernau* que seja possível conjecturar uma constituição da experiência objetiva que não seja no presente, uma vez que é impossível explicar a consciência-tempo sem a esfera da presença. Por outras palavras,

> neste processo dinâmico e fluente de preenchimento (*fulfillment*), o fluxo da própria consciência chega a uma aparência presente através da consciência do fato de que o que é dado atualmente é o mesmo que o que já se havia antecipado no passado como algo futuro. A experiência vivida no presente de um preenchimento temporal (*temporal fulfillment*) tem, portanto, na realidade, a forma de uma consciência de um devir-presente (*becoming-present*) de uma antecipação passada. Ao contrário dos textos anteriores, que atribuem a autoconsciência do fluxo originário da consciência a uma forma meramente retencional subsequente da consciência, os *Manuscritos de Bernau* enfatizam a possibilidade de uma autoconsciência essencialmente ancorada no presente que flui. (Bernet, 2010, pp. 12-13)

Como nos mostra Husserl (2001, p. 4), "o agora (ou protopresentação [*Urpräsentation*]) é o ponto limite de dois tipos de atos presentificados, as retenções e protensões". Held faz considerações importantes sobre esse conceito de limite implicado no agora:

> Husserl (...) vê a 'protoimpressão' como a presença de algo que está sendo dado em um momento não expandido. Essa 'visão do presente', como poderíamos dizer (...), cria o centro para o campo de presença, porque o 'agora' impressional, como o limite entre (a) retenção e (a) protensão, mantém essas duas extensões simultaneamente juntas e separadas. Sendo a chegada e a partida no acontecimento originalmente experienciado (*experienced*) no tempo, a retenção e a protensão apenas formam o ambiente para o 'agora'; elas recebem sua determinação do centro originalmente impressional do 'agora' e, nesse sentido, são 'fundadas' nele. (Held, 2010, p. 98)

Um novo ingrediente deve ser acrescentado a partir do momento em que definimos a protopresença como uma "articulação entre o operar retencional e protensional (...) como uma maneira de estabelecer como opera a experiência passada na experiência total de um sujeito" (Kretschel, 2014a, p. 255). De acordo

[4] Como nos mostra Husserl (2001, pp. 3-4), a atenção seja ela primária (atenta) ou secundária (despertada por estímulos) sempre está atuante quando nos dirigimos a um objeto perceptivo imediatamente ou mediatamente dado. Esse "dirigir-se" para o objeto é uma mudança atencional fundamental para a constituição dos objetos temporais. A mudança atencional possui uma característica peculiar e consiste no fato de que o olhar é direcionado através do fluxo tanto para as retenções quanto para o que é imediatamente dado através do *continuum* no fluxo. De acordo com Husserl, é assim que o ego apreende o que lhe é dado, mas há aqui uma preferência pelo novo.

com Bernet, essa investigação requer uma análise do entrelaçamento entre a continuidade retencional e protensional. Portanto,

> Husserl não estava mais satisfeito com a sugestão de que cada protoimpressão está inserida em um horizonte bilateral de fenômenos retencionais e protensionais, mas, em vez disso, analisou, muitas vezes em detalhes microscópicos, o papel das protensões dentro do *continuum* da modificação retencional e a influência das retenções na determinação do conteúdo das protensões. (Bernet, 2010, p. 12)

Nesse ponto é necessário, mais uma vez, aprofundarmos mesmo que brevemente a função das protensões em uma das obras posteriores às *Lições*. Conforme mencionado anteriormente, Husserl desenvolve nos *Manuscritos de Bernau* uma abordagem mais elaborada sobre a protensão, especialmente nos textos nº 1 e 2 do referido manuscrito. Nessa obra, Husserl afirma que uma protopresentação (*Urpräsentation*) é constantemente não apenas a ocorrência de protopresenças (*Urpräsenzen*), mas também a ocorrência constante das mesmas no modo de preenchimento de intenções de expectativas (*Erwartungsintentionen*).

Nesse sentido, segundo o autor, não se trata de duas vivências intencionais coincidentes, pois, ao observarmos essa sucessão no fluxo, podemos dizer que primeiro há uma expectativa vazia (*leere Erwartung*), e depois há o ponto de protopercepção (*Urwahrnehmung*), que é em si uma vivência intencional. Mas essa vivência só se torna "fluida" quando as protopresenças entram como conteúdos de preenchimento na intenção vazia anterior (protensional) (Husserl, 2001, pp. 4-5). Nos termos de Husserl (2001, p. 9), "a protensão preenchida é o preenchimento de uma protensão vazia anterior, que por si só é apenas uma parte dependente de um ato posterior que tem uma fase (de) preenchimento".

2. O entrelaçamento essencial entre as retenções e as protensões

O entrelaçamento (*Verflechtung*) que aqui se impõe entre as intecionalidades retencional e protensional é fundamental no protoprocesso (*Urprozess*). Isso deve ser significado da seguinte maneira: (i) a protopresentação (*Urpräsentation*) é, portanto, a expectativa cumprida (preenchida); (ii) a retenção deve, portanto, em primeiro lugar, comportar o momento de preenchimento da expectativa, modificada retentivamente, afinal, é uma modificação (*Abwandlung*) de uma protopresentação que preencheu as intenções protentivas, e, em segundo lugar, dizemos que é no processo de retenção em si que esse processo se constitui como uma ocorrência, em que a expectativa não é apenas sobre um novo dado fenomenológico, mas também sobre as próximas retenções e retenções de retenções; e, (iii) nesse contexto, as retenções apontam tanto para as expectativas (protensões) preenchidas e associadas umas com as outras quanto para as

expectativas não cumpridas, ou melhor, para um horizonte protensional vazio que não foi preenchido ou realizado plenamente (Husserl, 2001, pp. 7-8).

É válido perguntar nesse momento do artigo: qual seria a estrutura da intencionalidade nos atos de protensão? Husserl responde a essa questão de modo muito claro. Segundo o autor, temos uma intenção (*Intention*) que surge com a ocorrência de um novo dado de protopresença (*Urpräsenzdatums*) preenchido (*erfüllt*), mas somente após uma fase de sua intencionalidade preenchida (*Intentionalität erfüllt*), deixando uma "extensão" (*Strecke*) contínua por preencher como um horizonte aberto (*offener Horizont*). Assim, na consciência que captou o novo dado de presença primordial (hilética), não há uma nova expectativa, mas uma e a mesma. A expectativa, com sua continuidade intencional, é caracterizada essencialmente por continuar preenchendo sucessivamente um vazio de intenção (Husserl, 2001, p. 9).

No entanto, o preenchimento constante é ele próprio parte da intenção para o surgimento do acontecimento que ainda está em fluxo. Temos a partir disso, segundo Husserl, dois lados da mesma coisa: (i) a intenção passa durante todo o processo pelos novos pontos e retém constantemente o caráter de expectativa não preenchida além deles e (ii) a intenção se direciona para os preenchimentos de expectativa em expectativa no *continuum* de expectativas e, portanto, para as expectativas que são sempre novamente preenchidas após uma fase. Para tanto, o *continuum* de atos protensionais é ele mesmo um *continuum* em cada fase, e um ponto de protensão preenchido enquanto que o restante é protensão vazia. Husserl afirma:

> em curso (*Fortgang*) há concordância (*Deckung*) sucessiva constante; o cheio, entrando no vazio, cria (*schafft*) um ato modificado. (...) Cada protensão precedente está relacionada a cada subsequente no *continuum* protensional, assim como cada retenção subsequente está relacionada à anterior na mesma série (*Reihe*). A protensão precedente contém todas as posteriores intencionalmente (as implica), a retenção posterior implica intencionalmente todas as anteriores. (Husserl, 2001, pp. 9-10)

No curso da análise daquilo que foi dito por Husserl na citação acima, não devemos compreender o preenchimento de uma protensão no sentido de coincidir com uma protopresentação (*Urpräsentation*), visto que estamos lidando com uma realização relativa e mediada, na qual experienciamos a transição da protensão para protoimpressão ou protopresentação.

Como nos aponta Soueltzis (2021), assim como nas retenções, também encontramos uma dupla intencionalidade nas protensões, indo em direção: (i) as próximas fases do protoprocesso (*Urprozess*) e (ii) a unidade objetiva seguinte. A partir disso, podemos atribuir-lhe intencionalidade transversal e longitudinal. De maneira semelhante à retenção das retenções anteriores, a protensão também

pretende de maneira mediada que cada protensão seja direcionada para a fase seguinte e esta fase protensionada inclui uma protensão tendendo para a fase seguinte, etc. Assim, cada protensão entra em uma relação peculiar de cumprimento com as protensões seguintes. De acordo com Soueltzis,

> assim, Husserl fala de um 'duplo significado de preenchimento' (Hua XXXIII, 29). Por um lado, temos o preenchimento particular, ou seja, o preenchimento das intenções que pretendem a seguinte protoimpressão como constituindo o que é atualmente dado como presente. Por outro lado, há o preenchimento geral, que, grosso modo, denota o processo de preenchimento 'ocorrendo' entre cada protensão e sua protoimpressão seguinte, mesmo quando ambas já estão modificadas de forma retentiva, ou seja, ambas estão inseridas no campo retencional. A diferença entre esses dois modos de preenchimento se tornará mais clara uma vez que levemos em conta outra importante novidade dos *Manuscritos de Bernau*: a ênfase dada na interdependência intencional interna da retenção e protensão (Hua XXXIII, 24–30). (Soueltzis, 2021, p. 69)

3. O diagrama do entrelaçamento entre as retenções e as protensões

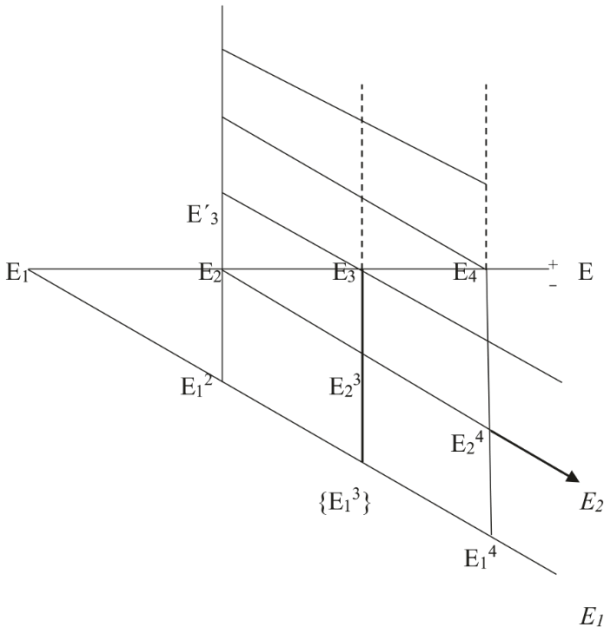
Se, conforme nos alerta Husserl, toda fase constitutiva é retenção de protensão preenchida, nos resta entender de modo significativo qual seria o papel das expectativas (protensões) no tempo fenomenológico. Ao longo da análise de Husserl, conforme já foi dito anteriormente, percebemos um entrelaçamento primordial entre a dupla intencionalidade das retenções e o horizonte vazio protensional, na medida em que a protensão também se volta para as retenções futuras. Ademais, o escopo do diagrama do tempo nas *Lições* é ressignificado com a seguinte afirmação de Husserl nos *Manuscritos de Bernau*, que implica numa bidimensionalidade das protensões, ainda que complementando aquilo que foi dito nas *Lições*.

> A protensão pode ser relativamente determinada se um determinado acontecimento (*Ereignis*) for esperado (*erwartet*). Isso pressupõe que já existiu ou que algo semelhante existiu antes dele como acontecimento. É então pré-recordação (*Vorerinnerung*) e uma modificação da rememoração (*Wiedererinnerung*) que remonta ao passado. (Husserl, 2001, p. 12)

Nós temos um fluxo de consciência que é, em si mesmo, protentivo para a direção de avanço (aquilo que está por vir), mas também protentivo para a direção inversa (o recém-sido), e o que está nele nesta direção é a retenção. Nesse sentido, a consciência assume uma modificação pela qual é, simultaneamente, continuidade retencional e continuidade protensional. É da essência dessa consciência de continuidade protensional bidimensional que ela possa ser constantemente preenchida, de tal forma que toda realização seja também uma intenção para um novo preenchimento e possibilidade ideal de séries contínuas de pré-recordações (protensões). De acordo com Thomé,

> porquanto a retenção é consciência de uma presentação originária passada ela é consciência também de uma intenção protensional passada preenchida (a qual foi preenchida por esta presentação originária), tem-se assim que a retenção refere-se intencionalmente a todas as fases do processo originário. Há, de fato, uma dupla direção da intencionalidade da retenção, de um lado ela é direção para um dado hilético originário, por outro lado, ela se dirige para a própria consciência ela mesma, ou seja, para as fases do processo originário. Dá-se, assim, um tipo de relação da consciência consigo mesma, um tipo de intencionalidade que em *Sobre a fenomenologia da consciência interna do tempo* foi denominado como intencionalidade longitudinal (que é uma intencionalidade que perpassa toda fluência do fluxo absoluto (processo originário)). Husserl compreende o modo do pré-constituir temporal do processo originário exatamente como um entrelaçamento de fases que se relacionam e exigem-se mutuamente. É justamente esta relação da consciência consigo mesma que permite que a consciência autoapareça como unidade. (Thomé, 2015, pp. 74-75)

Vejamos no diagrama de Husserl a especificidade fenomenológica do entrelaçamento entre as retenções e protensões[5].



Conforme já foi explicitado anteriormente, não podemos considerar que os pontos E da linha horizontal sejam meras retenções. O segmento de reta $E_2E_1^2$ são as protoimpressões passadas retidas, mas também representa as protensões essencialmente "anexadas" a elas, por exemplo, pelo segmento de reta $E_2E_2^3$; as protensões são representadas pelo segmento de retas paralelas (oblíquas) representado na parte superior e inferior do diagrama, por exemplo, lê-se: $E_2E_2^3//E'_3E_3$. A semi-reta E_2 comporta todas as protensões reais (*reellen*) preenchidas nas quais o conteúdo hilético (protodado) é fundamental no

[5] O diagrama pode ser encontrado em sua versão original nos *Manuscritos de Bernau* (Husserl, 2001, p. 22). Outras análises sobre este tema podem ser encontradas em: Soueltzis, 2021, p. 70; Lohmar, 2002, p. 158.

protoprocesso. Qualquer retenção subsequente ou precedente de E_2 está implicitamente dirigida às protensões. Seguindo o *continuum* protensional retido, notamos que cada retenção antecedente é direcionada protensionalmente para retenção subsequente. Portanto, retenções se ligam umas às outras através das protensões.

A distância vertical cresce na continuidade das linhas verticais no fluxo primordial. Cada fase afunda aumentando a distância em relação às retenções anteriores na medida em que é adicionando constantemente um ponto de protopresença (*Urpräsenzpunkt*) como diferencial. Nesse sentido, o passado se enriquece à medida que surge o protopresente (*Urgegenwart*) como algo novo (Husserl, 2001, p. 15). Essa orientação intencional é implicada em uma síntese de realização que se desdobra ao longo da linha vertical. Cada ponto dela, considerado como retenção, constitui uma síntese de preenchimento, retendo tanto o preenchimento impressional quanto a protensão preenchida.

4. Gênese passiva e fenomenologia genética nas análises sobre o tempo fenomenológico

Podemos fazer uso de parte do que foi dito acima e ver, a partir disso, que, mesmo que não compreendamos tudo o que é vivenciado como "consciência-de" em todos os sentidos, ainda permanece o caso de que o protoprocesso (*Urprozess*) da consciência é um processo intencional, então efetivamente é consciência (Husserl, 2001, p. 6). Nesse sentido, a protocorrente (*Urstrom*) inclui todos os eventos do tempo fenomenológico que "são", mas também pode proceder sem qualquer "participação da atenção" ou sem qualquer apreensão do eu puro.

É válido lembrar que Husserl aprofunda no modo como nos relacionamos com o passado e o futuro, com mais riqueza de detalhes, nas *Análises sobre a síntese passiva* (*Analysen zur passiven Synthesis*). Na referida obra, o autor apresenta um acréscimo significativo, devido ao teor genético embutido nessa Husserliana. Nessa obra se destacam alguns dos processos e noções que apontam para um âmbito não egóico de operações da consciência, como por exemplo, a noção de "força afectante", "presente vivo", "habitualidades", entre outros. O referido acréscimo também aponta para o fato no qual o entrelaçamento entre as retenções e as protensões que se dão num "presente vivo" (*lebendige Gegenwart*) deve ser pensado em termos de co-implicação, pois em cada ato de consciência temos a consciência como um todo articulado.

Contudo, julgamos pertinentes as afirmações de Kretschel (2014a, 2014b) Bernet (2010), Held (2010) e Thomé (2015) quanto ao fato de que Husserl já havia apresentado os primeiros traços para uma fenomenologia genética nos *Manuscritos*

de Bernau. Por essa razão, acrescento à perspectiva dos referidos autores o posicionamento no qual devemos pensar todo o entrelaçamento retencional e protencional apresentado nesse artigo a partir da análise genética da constituição. Bernet lembra-nos que,

> essa nova descoberta da função da protensão dentro da retenção e da retenção dentro da protensão resultou de uma análise mais dinâmica da consciência-tempo que estava ligada ao desenvolvimento de uma fenomenologia genética. Essa nova perspectiva é evidenciada pelo fato de que, por exemplo, a 'protopresentação' (ou a antiga 'protoimpressão') agora não é mais entendida como o núcleo original ou 'ponto de origem' da consciência-tempo, mas sim como um mero ponto limite no qual a continuação das modificações retencionais e protensionais se cruzam. Em tal análise genética, o processo originário mostra-se mais do que um mero processo mecânico de modificação contínua resultante do retrocesso do presente para o passado. Pelo contrário, esse processo originário, como o processo de vida da consciência, é governado por tendências e antecipações passivas, por formas de aumento e enfraquecimento da plenitude intuitiva de diferentes fenômenos, pelas experiências vividas de um incessante 'preenchimento (*fulfillment*) (*Erfüllung*)' e 'esvaziamento (*emptying*) (*Entfüllung*)'. (Bernet, 2010, p. 12)

De modo pontual, mas não menos importante, ressaltamos que entre os fundamentos da fenomenologia genética (*genetische Phänomenologie*) que apontam para os ganhos da análise husserliana sobre a consciência-tempo, observa-se que Husserl já não assume como certo que a intencionalidade na consciência-tempo seja uma intencionalidade egóica com uma correlação objetiva, como o seria num exame estático da correlação.

Embora tal ato intencional desempenhe um importante papel constitutivo na consciência-tempo, Husserl está agora mais interessado no surgimento de certas "tendências, inclinações e inibições pré-intencionais, que caracterizam a intencionalidade de um processo originário que flui passivamente" (Bernet, 2010, p. 16). Além disso, de acordo com Bernet, esse processo originário, como um processo de vida, não é simplesmente um processo automático. Essa determinação do processo originário da vida da consciência como uma luta pela doação intuitiva força Husserl, como já mencionado, a uma reformulação dinâmica do processo de realização temporal.

O processo originário hilético passivamente experienciado está, portanto, como aponta Bernet (2010), na origem dos atos egóicos de voltar-se para, perceber e captar (reter). No entanto, não é apenas o sujeito da performance egóica que nasce desse fluxo originário, mas também cada doação presente. De fato, como esclarece Bernet, a consciência do ser-presente de uma doação surge, como foi indicado acima, a partir da interação entre a intencionalidade retencional e a intencionalidade do fluxo originário passivamente experienciado. Com essa nova visão, o privilégio do presente como a dimensão mais originária da consciência-

tempo não poderia permanecer inquestionável por uma fenomenologia genética. Se cada presente tem uma gênese de surgimento e, portanto, é um presente que vem a ser, então entende-se ainda melhor porque Husserl se envolve de maneira tão detalhada com a questão de uma primeira protopresença (Bernet, 2010, pp. 16-17).

Além disso, acrescenta-se como algo fundamental que na fenomenologia genética há um aprofundamento e uma expansão experiencial das análises eidéticas de nossa consciência, mas, não existe com isso uma ruptura entre a fenomenologia estática e genética. Além disso, na fenomenologia genética, "o mundo da vida (*Lebenswelt*) e a teleologia (*Teleologie*) tornam-se temas centrais da análise" (Lohmar, 2017, p. 149). No que tange à análise da temporalidade fenomenológica e, especificamente, o objetivo desse artigo, observamos que nas protensões expectativas são despertadas com base no conhecimento prévio que temos de um determinado objeto e que isso deve ser entendido geneticamente.

Conforme vimos, nas análises sobre o tempo contidas nos *Manuscritos de Bernau*, Husserl ampliou a base de constituição do tempo (*Zeitkonstitution*) por mais um componente descritivo, a protensão. Levando em consideração tudo aquilo que foi dito anteriormente, a protensão também é uma função intencional da consciência que aponta para aquilo que se espera que aconteça. No entanto, a protensão não é motivada apenas pelo que aconteceu na forma de uma protoimpressão retida, pois ela é também baseada na experiência vivida e, portanto, por acontecimentos retencionalmente sedimentados.[6] É válido questionar se a continuidade intencional não se limitaria apenas em trazer a determinação da fase protensional anterior. Fato é que existe um aspecto de prefiguração nas protensões, porém, Husserl (2001, pp. 4-5) é claro quanto à preferência do ego por aquilo que é novo e o modo como a novidade captura a nossa atenção.

5. Os dois tipos de protensões: R-protensões ou protensões de retenção e H-protensões ou protensões de *hyle*

Finalmente, é necessário fazermos uma distinção entre as protensões. Para tanto, além da base conceitual própria dos *Manuscritos de Bernau* iremos também utilizar os textos de Lohmar (2008) e Soueltzis (2021). Contudo, é valido *a priori* que as protensões podem ser de dois tipos: R-protensões ou protensões de retenção e H-protensões ou protensões de *hyle* (Lohmar, 2008, p. 96).

[6] De acordo com Alice Serra e Daniel Creutz, numa perspectiva genética posterior, Husserl apresentou a sedimentação (*Sedimentierung*) como resultado de cada retenção. A esse respeito, a sedimentação aponta então para uma aquisição retentiva, passível de ser potencialmente despertada numa nova fase temporal (Serra; Creutz, 2010, p. 263).

A R-protensão, conforme já foi explicado, implica um modo de protensão que é direcionada para o afundamento posterior dos conteúdos retencionais nas próximas fases: o que é passado afundará ainda mais no passado. Seu conteúdo depende do conteúdo da protopresença e das retenções que acabaram de fluir. Estritamente falando, as R-protensões protensionam as qualidades hiléticas no fluxo e são dependentes, obviamente, das retenções das fases que ocorreram anteriormente. O que elas asseguram é simplesmente o *continuum* retencional.

A H-protensão também denota a protensão dos conteúdos hiléticos. O que notamos agora é que a intenção não apenas protensiona o que está por vir, mas também as modificações adicionais do conteúdo retencional. No entanto, de acordo com seu conteúdo, ela deve ser de alguma forma determinada pelo processo de retenção em andamento (Soueltzis, 2021, pp. 111-112). Assim, a determinação do conteúdo e a diferenciação das H-protensões, que se destinam aos conteúdos hiléticos futuros, dependem também das retenções, de modo que aquilo que foi retido influencie no futuro, ou seja, um certo "estilo (*Stil*) do passado se projeta no futuro" (Lohmar, 2008, p. 96).

Lohmar (2008, pp. 97-98) assegura uma distinção entre as H-protensões. Essa diferenciação, mesmo que sutil, acrescenta um ingrediente que até aqui havia passado despercebido. A saber, as H-protensões podem ser de expectativas: (i) reduzidas ou (ii) rígidas. Em (i) Lohmar apresenta como exemplo, a audição de uma melodia, nesse ato se reúne protensão e "fantasia fraca" num cenário de gênese passiva, certos de que, ao ouvirmos uma melodia, podemos saber previamente como essa melodia continuará, pois a "força de imaginação fantasmática" (*phantasmatische Einbildungskraft*) continuará a melodia mesmo depois dela ter cessado.

Em (ii), nas H-protensões de expectativas rígidas, observa Lohmar, existe uma orientação por aquilo que foi retido dos dados sensíveis ou no fluxo dos dados hiléticos, porém, a retenção dos dados sensoriais os torna cada vez mais "enfraquecidos", pois em toda retenção ocorre uma modificação da consciência.[7] Conforme nos mostra Lohmar (2008, pp. 97-98), essa H-protensão rígida tende a protensionar no agora tendo como base os dados hiléticos que estão presentes, por exemplo, se estou no semáforo e a luz está vermelha, protensiono cada vez mais vermelho. No entanto, isso não impede que eu protensione o verde, mas neste caso as minhas expectativas se baseiam nas minhas experiências passadas e retidas,

[7] Como afirma Bernet, "a modificação, que caracteriza a consciência retencional atual de um presente-passado, deve dizer respeito não apenas à apreensão, mas necessariamente também aos dados sensíveis apreendidos. Caso contrário, é impossível entender por que uma sensação pode permitir uma apreensão perceptiva de algo presente em um caso e, no outro caso, permitir uma apreensão retencional de algo passado" (Bernet, 2010, p. 6).

tendo em vista que o conteúdo protensionado não é dado no contexto atual do dado hilético "mais vermelho". A experiência nesse contexto protensional espera pelo conteúdo hilético que ainda não está presente no contexto atual.

Consequentemente, temos grosso modo que, "na expectativa, quando ela ilustra o esperado, temos já uma consciência simbólica. A simples aparição da fantasia permanece por todo lado como um núcleo comum" (Husserl, 1928/2017, p. 156). Uma última distinção deve ser feita, a saber, quando assumimos a "presença" de um fantasma (*Phantasmata*) nas expectativas intencionais, então é preciso presumir que este é no modo de uma "fantasia fraca". Husserl expõe no Apêndice II das *Lições* que as aparições de fantasia possuem:

> fantasmas como material de apreensão (modificações presentificantes de sensações). (...) Cada consciência tem, por conseguinte, ou o caráter da sensação ou o do fantasma. Cada consciência, cada sensação no sentido mais lato é precisamente qualquer coisa perceptível e representável, correspondentemente, qualquer coisa recordável, experienciável de um modo qualquer. Mas sempre temos de novo uma consciência, a qual tem a sua possível contrapartida no fantasma. (Husserl, 1928/2017, pp. 156-157)

Lohmar, em seu livro *Fenomenologia da fantasia fraca* (*Phänomenologie der schwachen Phantasie*), oferece uma extensa análise de como ela opera em todas as camadas (*Schichten*) de constituição.[8] Ao mesmo tempo, o autor enfatiza os aspectos da função transcendental dos fantasmas. Dentre essas funções, Lohmar aponta que os fantasmas funcionam na percepção como uma complementação dos objetos dados na percepção. Dessa forma, eles possibilitam a percepção mesmo quando os dados sensíveis ainda não permitem. Nesse sentido, a "auto-afecção fantasmática" é, portanto, uma função transcendental porque nos possibilita ter um objeto mesmo quando existem formas seriamente deficientes da doação intuitiva desse objeto (Lohmar, 2008, pp. 28-29). Aqui nos interessa destacar que o teor dessa "fantasia fraca" que compõe as expectativas (H-protensões e R-protensões) é sutil, pois de modo algum ela poderia competir pelo domínio daquilo que será percepcionado em "carne e osso" (*leibhaft*). Bernet aponta que:

> o 'fantasma', ou seja, o dado dos sentidos (*sense-datum*) modificado em uma apreensão no modo de uma fantasia, se voluntariou como um modelo para o conteúdo modificado que está subjacente à apreensão retencional. No entanto, uma investigação mais aprofundada da consciência de fantasia provou que esse modelo contém seu próprio quebra-cabeça peculiar, que diz respeito precisamente à essência, isto é, ao modo de doação desse fantasma. As investigações paralelas sobre a retenção e fantasia, que continuaram através dos *Manuscritos de Bernau*, logo levaram à percepção de que as dificuldades ligadas à determinação fenomenológica do fantasma são fundamentalmente as mesmas que dizem respeito à determinação do dado dos

[8] Encontramos relatos sobre a "fantasia fraca" nos diferentes níveis das nossas vivências intencionais no texto de Montagová (2013).

> sentidos (*sense-datum*) modificado na consciência retencional. Assim, identificar o dado dos sentidos motivando uma apreensão retencional com um fantasma não ajudou mais, e simultaneamente ameaçou borrar a distinção entre a retenção presente e a fantasia representativa. Somente quando se pode apegar, por um lado, a diferenciação entre as modificações fantasmáticas e retencionais dos conteúdos de apreensão, e também, por outro lado, dar conta da circunstância de que ambos os dados dos sentidos (*sense-data*) dizem respeito a uma consciência sensorial modificada, da qual a essência geral ainda deve ser esclarecida, é que as análises fenomenológicas sobre a retenção e a fantasia podem estimular-se mutuamente. (Bernet, 2010, pp. 6-7)

Tendo delineado essa diferenciação, também devemos considerar algumas outras distinções de tipos e funções protensionais, mediante o tipo de conteúdo que é protensionado. Resumidamente, de acordo com Lohmar (2002, p. 160) e Soueltzis (2021, pp. 112-113) há pelo menos os cinco casos a seguir:

1. Protensão permanente - É quando esperamos que algo continue da mesma forma. Espera-se que os dados hiléticos permaneçam os mesmos das fases anteriores.
2. Protensão tipicamente diferenciada - O que esperamos pode variar dentro de certos limites, por exemplo, uma cor mais clara ou mais escura. Esse modo protensional, apesar da sua flexibilidade, encontra-se ainda no quadro da motivação que se baseia em dados hiléticos presentes e retenções presentes.
3. Protensão limitada pelo campo dos sentidos - Permite que algo varie dentro de um determinado campo sensível, por exemplo, o vermelho pode se tornar qualquer outra cor, mas ainda uma cor, ou seja, é restrito à variabilidade do campo perceptivo visual.
4. Protensão inespecífica - Isso equivale a uma "protensão vazia", pois esperamos que algo em geral apareça, seja ele no mesmo ou em qualquer outro campo dos sentidos. Esse modo da intenção protensional parece implicar uma intenção excepcional que escapa a qualquer pré-formação ou prefiguração típica e particular no modo de familiaridade ou semelhança.
5. Protensão alterada - Neste caso, esperamos que algo se mostre, mas não como o mesmo que foi dado até agora em nossa experiência atual, podendo até atravessar os limites dos campos dos sentidos. Ela depende da experiência cotidiana e pode constituir uma expectativa intencional, ou seja, um fenômeno de ordem superior ao que estamos examinando aqui. No entanto, podemos considerar esse tipo de projeção como uma modificação de nível inferior da expectativa de nível superior, uma modificação que pode ser vista como um afundamento dessa expectativa intencional para o nível de protensão. Assim, a protensão será de alguma forma independente dos presentes dados hiléticos e retenções.

Considerações finais

O tempo fenomenológico depõe sobre os modos de doação do passado (retencional) e futuro (protensionado). Ambos só podem ser constituídos no processo primordial, ou seja, no protoprocesso. Conforme apresentamos ao longo desse artigo, a consciência assume uma modificação pela qual não é apenas continuidade retencional, mas ao mesmo tempo continuidade protensional.

Dentre as fases do fluxo, a protensional foi ressignificada por Husserl nos *Manuscritos de Bernau;* por essa razão, explicamos a função da protensão dentro da retenção e da retenção dentro da protensão. Como a retenção e a protensão são sínteses passivas da consciência, apontamos que desde os referidos Manuscritos, Husserl já havia sinalizado que os extratos mais "profundos" de constituição não dependem da atenção do ego, pois estão embutidos na gênese passiva. Portanto, seria uma tarefa genética tornar compreensível como em tal consciência um processo constitutivo pode e deve possibilitar as sínteses temporais antes mesmo que a formação do processo constitutivo esteja completo.

Referências

Bernet, R. (2010). Husserl's New Phenomenology of Time Consciousness in the Bernau Manuscripts. In D. Lohmar & I. Yamaguchi (Eds.), *On Time: New Contributions to the Husserlian Phenomenology of Time* (pp. 1-19). Dordrecht: Springer.

Ferrer, G. (2015). *Protentionalität und Urimpression: Elemente einer Phänomenologie der Erwartungsintentionen in Husserls Analyse des Zeitbewusstseins*. Würzburg: Königshausen & Neumann GmbH.

Held, K. (2010). Phenomenology of "Authentic Time" in Husserl and Heidegger. In D. Lohmar & I. Yamaguchi (Eds.), *On Time: New Contributions to the Husserlian Phenomenology of Time* (pp. 91-114). Dordrecht: Springer.

Husserl, E. (1966b). *Analysen zur passiven Synthesis: Aus Vorlesungs und Forschungsmanuskripten, 1918-1926*. Haia: Martinus Nijhoff.

Husserl, E. (2001). *Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein (1917/1918)*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

Husserl, E. (2015). *Investigações Lógicas: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento* (Vol. 2, parte 1). (P. M. S. Alves & C. A. Morujão, Trad.). Rio de Janeiro: Forense. (Original publicado em 1901)

Husserl, E. (2017). *Lições para uma Fenomenologia da Consciência interna do Tempo*. (P. M. S. Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Via Verita. (Original publicado em 1928)

Husserl, E. (1966a). *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*. Haia: Martinus Nijhoff. (Original publicado em 1928)

Husserl, E. (2002). *Zur phänomenologischen Reduktion: Texte aus dem Nachlass (1926-1935)*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

Kretschel, V. (2014a). Conciencia del tiempo y experiencias temporales: Un estudio acerca de los límites explicativos de las Lecciones de fenomenología de la conciencia interna del tiempo de Edmund Husserl. *Areté Revista de Filosofia*, *26*(2), 247-272.

Kretschel, V. (2014b). Tiempo y Asociación. Acerca de la relación entre los Manuscritos de Bernau y los Análisis sobre la síntesis pasiva. *Investigaciones Fenomenológicas*, *11*, 143-163.

Lohmar, D. (2002). What does protention 'Protend'? Remarks on Husserl's analyses of protention in the *Bernau manuscripts* on time-consciousness. *Philosophy Today*, *46* (SPEP Supplement), 154–167.

Lohmar, D. (2008). *Phänomenologie der schwachen Phantasie: Untersuchungen der Psychologie, Cognitive Science, Neurologie und Phänomenologie zur Funktion der Phantasie in der Wahrnehmung*. Dordrecht, The Netherlands: Springer.

Lohmar, D. (2017). Genetische Phänomenologie. In S. Luft & M. Wehrle (Eds.), *Husserl-Handbuch* (pp. 149-157). Stuttgart: J. B. Metzler Verlag.

Montagová, K. S. (2013). *Transzendentale Genesis des Bewusstseins und der Erkenntnis*. Dordrecht, The Netherlands: Springer.

Moran, D., & Cohen, J. (2012). Time [Zeit]. In *The Husserl Dictionary* (pp. 320-326). Londres: Continuum International Publishing Group.

Serra, A. M., & Creutz, D. (2010). "Sedimentierung". In H. Gander (Ed.), *Husserl-Lexikon* (pp. 263-264). Darmstadt: WBG.

Soueltzis, N. (2021). *Protention in Husserl's Phenomenology*. Atenas: Springer.

Thomé, S. C. (2015). *Temporalidade e constituição: uma investigação acerca do acesso metodológico à esfera da consciência constitutiva do tempo na fenomenologia husserliana*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

Recebido em: 09.02.2024
Aceito em: 02.07.2024

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/